

Amor e sexo na internet

Entrevista com Jean-Claude Kaufmann

Mirian Goldenberg

Professora do PPGSA/IFCS/UFRJ

Traduzido por: Felipe Agostini Cerqueira

Como o leitor poderá constatar nesta entrevista, feita pela professora Mirian Goldenberg, a relação do sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann com o conflito não passa por objetos como a violência, o ódio ou a desigualdade. Pelo menos não no sentido macroscópico pelo qual esse tema costuma surgir na obra da maior parte dos autores que por ele se interessam. Ainda assim, não se pode atribuir a Kaufmann uma temática diferente: é mesmo de *conflito* que ele trata. Entretanto, *les conflits* chegam aos olhos do sociólogo francês em dimensões mais microscópicas, em uma microsociologia da vida cotidiana que o aproxima de autores como o americano Erving Goffman e o alemão Georg Simmel. É nos pequenos conflitos que Kaufmann enxerga grandes questões, e talvez seja justamente esse termo, *conflito*, que ajude a explicar uma aparente – e em grande medida enganosa – “dualidade” contida em seu trabalho.

Directeur de recherches do Centre National de La Recherche Scientifique (CNRS) e, desde 1977, coordenador do Centre de Recherche sur les Liens Sociaux da antiga Université de Paris V (hoje, Université Paris Descartes), a clássica Sorbonne, Kauffman, por um lado, se dedica aos estudos – e se tornou uma importante referência – sobre identidade, sobre a construção sociológica do “eu”, tendo publicado obras como *A invenção de si: Uma teoria da identidade* (2006, com edição original em 2004), *Ego: Para uma sociologia do indivíduo* (2003, com edição francesa de 2001) e *Quand Je est un autre* (2008). Nesses trabalhos, o sociólogo parte de uma crítica a uma ideologia centrada no cérebro para apostar na ideia

de que a “incorporação dos esquemas de ação” não ocorre no corpo biológico, mas no que ele chama de “corpo socializado”, em que a identidade, o “a si”, é algo constantemente construída, por um “trabalho” permanente.

Por outro lado, Kauffman é a grande referência em seu país para estudos sobre relacionamentos afetivos, sobre a vida de casal e o amor romântico, graças a livros como *La trame conjugale: Analyse du couple par son linge* (1992) e *Corps de femmes, regards d'hommes: Sociologie des seins nus sur la plage* (1995). As duas obras chamam a atenção por um detalhe, um dos traços mais marcantes em sua produção, especialmente nessa segunda área: são pesquisas muito peculiares, com temas muito palpáveis e, sobretudo, criativos. Se, no primeiro, ele se debruça sobre as roupas para lavar e os hábitos de lavanderia de casais para analisar os entendimentos e desentendimentos nas relações íntimas, no outro ele vai à praia observar mulheres em trajes sumários e as “regras de rotina e das práticas” (como chamara Goffman) que lhes permitem fazer *topless* e ser aceita pelos olhares dos homens e das outras mulheres. Seguem-se trabalhos como o seu mais conhecido, *A primeira manhã: Como nasce uma história de amor* (2003, sobre edição original de 2002), sobre o dia seguinte à primeira noite de um casal, que continua os estudos de *Sociologie du couple* (1993) e dos outros, como *A mulher só e o príncipe encantado* (2000, original francês de 1999). Nessa galeria, duas obras ocupam lugares especiais para os interesses desta publicação: *Casseroles, amour et crises: Ce que cuisiner veut dire* (algo como *Panelas, amor e crises: O que cozinhar significa*), de 2005, sobre a vida familiar à mesa) e *Agacements: Les petits guerres du couple* (algo como *Aborrecimentos: As pequenas guerras do casal*), de 2007, cujo título é autoexplicativo – ambos especialmente centrados no conflito entre familiares, pessoas que se amam.

Para conciliar esses dois conflitos, aquele que se trava consigo mesmo (seja isso chamado “eu”, “self” ou “ego”) e aquele que se trava com o próximo, um próximo íntimo (relação que, para ele, é uma “aventura”), uma terceira área o mobiliza: o investimento na metodologia, sobretudo na chamada “entrevista compreensiva” (KAUFMANN, 2004). O método o leva a contatos intensos com os entrevistados e já o fez assumir posições ousadas e delicadas, como a aposta na troca de e-mails como forma privilegiada de pesquisa, uma vez que, assim, “o entrevistado fala a si mesmo” (KAUFMANN, 2007, p. 207).

Tudo isso constituiu sua carreira, ao mesmo tempo celebrada na academia – tanto que alcançou o cargo de coordenador de pesquisas do CNRS, o mais alto da carreira acadêmica francesa atual – e reconhecida fora dela. Kauffman encarna um personagem não tão anormal no cenário francês, em que pensadores e temas acadêmicos estão constantemente na televisão, um personagem que no Brasil costumam chamar de “intelectual midiático”, aquele que dá muitas entrevistas, aparece em programas de TV e debate temas tidos como “prosaicos”. Mas ele *leva a sério* esses temas, no grande sentido que a sociologia compreensiva e o interacionismo deram a essa expressão, ou seja, adotando-os como fontes de teoria neles mesmos e não como mundos exóticos a serem desvendados. Chegou a publicar, em 2009, *L'étrange histoire de l'amour hereux*, um ensaio escrito “em resposta” a uma carta enviada por uma leitora de um artigo seu que saiu em uma revista. E agora, em *Sex@mour*, publicado no final de 2010, deu ênfase a um tema que, em geral aproximado dos *cultural studies*, não tem recebido das ciências sociais tanta atenção: os relacionamentos afetivos na internet. O livro mobiliza boa parte da conversa a seguir, realizada em 6 de junho de 2010, no Hotel Martinique, em Copacabana, no Rio de Janeiro, onde Kaufmann ficou hospedado para participar do ciclo Identidade e Referências: Novas Definições, na Fundação Casa de Rui Barbosa, em que apresentou a conferência “Amor e sexo nos tempos da internet”. A entrevista é ao mesmo tempo um passeio pelo trabalho do autor e uma tentativa, no diálogo entre o sociólogo e a antropóloga, de estabelecer diálogos, pontes entre os contextos brasileiro e francês, igualmente interessados que ambos estão está nos relacionamentos afetivos e na intimidade daqueles que os vivenciam.

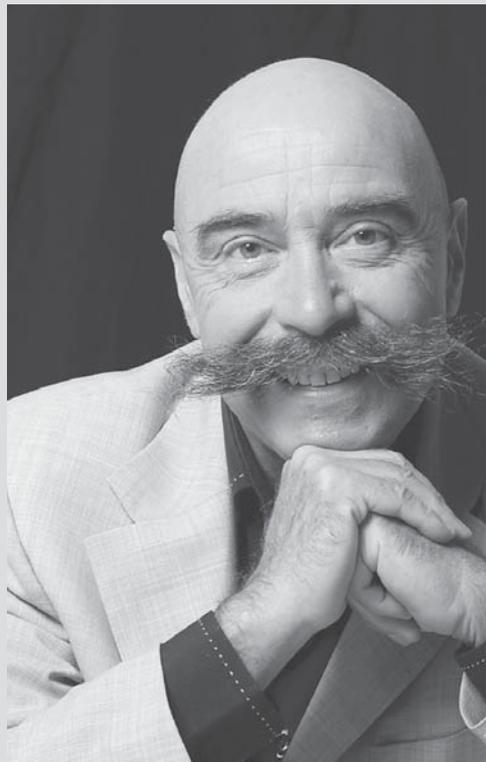


Foto: Hanoteau

Alexandre Werneck

Você é pesquisador e autor de muitos livros sobre temas diferentes. Como prefere se apresentar? Como gostaria de ser apresentado ao leitor brasileiro?

Não sei. É o leitor quem decide, e cada leitor faz sua própria leitura. Isso é que é importante para mim. Não sei se o que o autor diz é importante. Tenho todo tipo de livro. Alguns são pesquisas muito concretas, porque parto sempre das pequenas coisas do cotidiano, um objeto ou um momento particular. Por exemplo, em um deles, analiso casais e o problema da divisão das tarefas domésticas. Esta discussão no Brasil talvez não seja tão importante, porque há empregadas domésticas. Mas na França é uma grande questão entre o homem e a mulher. Analisei também a refeição em família, o momento especial que é a primeira manhã depois de uma noite de amor (a saída da cama, o café da manhã, a ida ao banheiro etc.). Na verdade, para mim, tudo é importante: as menores coisas do cotidiano são importantes. É aí que sou antropólogo, um antropólogo da sociedade dos dias de hoje. Mas também escrevo livros mais teóricos. Faço teoria a partir das minhas pesquisas; desenvolvo as questões. Fabrico a teoria em um movimento de ida e volta permanente em relação ao concreto. Quando realizo uma pesquisa, tenho um modelo de interpretação. Continuo a escutar, a fazer a pesquisa, mas há sempre uma defasagem em relação a ele, o que faz com que eu aperfeiçoe o meu próprio. E ele se desenvolve. E depois eu o confronto ainda com o concreto da pesquisa, e existem ainda diferenças. E é desta maneira que se desenvolve a minha teoria. Tenho três livros mais teóricos sobre o indivíduo. Dois estão traduzidos para o português de Portugal. Para mim, eles são livros importantes. São livros teóricos, mas os de pesquisa são importantes também. E tenho ainda um livro de método sobre esta fabricação da teoria a partir do concreto. É um pequeno livro para estudantes.

Aqui no Brasil, são poucos os estudos em ciências sociais sobre o mundo da internet. Como você chegou ao tema do mundo virtual, que está no seu livro mais recente, *Sex@mour*? Conte também o que descobriu sobre a questão do sexo e da infidelidade na internet.

A internet é um novo mundo. Essa é a palavra exata. Em francês, diz-se que é um oceano sobre o qual se surfa – como o surfe na praia. É uma bela imagem. E, de fato, é verdadeiramente um outro mundo, que se encaixa em outro, mas tem uma maneira de funcionar bem diferente. Diz-se com muita facilidade que é

um mundo virtual. Mas ele não é completamente virtual. Do telefone não se diz que é virtual. E pela internet podem-se tecer laços, relações. E se tecem mesmo, muito rápido. No Facebook, no Orkut, nas redes sociais, por exemplo, podem-se tecer laços plenamente com pessoas que algumas vezes se vai encontrar na vida real, outras vezes, apenas na tela do computador. Existe este corte, mas ao mesmo tempo há dois tipos de laço que se sobrepõem. Para mim é importante dizer isto – isso muda verdadeiramente a regra do jogo, notadamente no domínio amoroso. Meus estudos não são sobre a infidelidade na internet, mas sobre os encontros que se dão com frequência entre os solteiros. Esse novo mundo, da internet, permite desenvolver um espaço de jogo amoroso e sexual sem compromisso conjugal. Isso acontece com muitos solteiros, mas compreende também pessoas casadas. Então aí entra a questão da infidelidade. Mas o coração da minha pesquisa é esse novo espaço de jogo amoroso e sexual na tela do computador, a que chamo de *sexolazer* [*sexoisir*, no original em francês], como se a sexualidade pudesse, hoje em dia, se tornar um lazer como outros. Contudo, há, ao mesmo tempo, o sonho, que permanece muito forte, do comprometimento durável com um parceiro. Há os dois movimentos, que são contrários e se desenvolvem ao mesmo tempo. Por conseguinte, a sexualidade que há um século era imoral, proibida, um universo de mistério, de angústia, é, com a internet, transformada em uma espécie de técnica de lazer e de prazer. Antigamente, o encontro começava pelo sentimento e, se ele se confirmava, tinha-se o direito moral de passar à relação sexual. Muitas vezes só depois do casamento. Hoje em dia, cada vez mais, o encontro começa pela sexualidade. Começa pela sexualidade porque não se sabe exatamente no que vai dar a história. E começa por pequenas histórias antes de se saber se aquilo vai durar muito tempo. Começa pela sexualidade, mas, eventualmente, há o sentimento. Só depois, quando ele chega, vem o comprometimento mais durável.

No Brasil, há uma controvérsia muito grande sobre o mundo virtual, sobre se realmente existe uma relação entre duas pessoas que só se encontram pela internet, se elas têm de fato uma relação amorosa e sexual, ou se é apenas um tipo de jogo virtual, um tipo de masturbação a dois – como se estivessem assistindo a um vídeo pornô. Algumas mulheres têm vontade de se divorciar se o marido tem uma relação pela internet. Mas ainda não existe uma

jurisdição que diga que isso é traição. Afinal, ele nunca se encontrou com a amante, é uma relação simplesmente virtual. Essa é a discussão sobre sexo e infidelidade no mundo virtual por aqui: se são reais, verdadeiros, ou se são apenas projeções do indivíduo em alguém que não existe, que pode ser uma invenção.

Sim. Existem muitos exemplos diferentes. É exatamente disso que trato no meu último livro. Muitas pessoas começam a entrar em contato on-line, a flertar on-line, e em seguida marcam um encontro em um café. Logo, muito rapidamente, a sexualidade chega. Mas existem também, sem dúvida – em uma proporção de 25% –, aqueles que nunca vão ter um encontro, que vão permanecer apenas on-line. Neste caso, com frequência, a relação se desenvolve muito rápido e intensamente. Pode ser até mais rápido do que face a face. A relação pode se tornar bastante forte, com palavras de evocação sexual. Porque o indivíduo está protegido, em casa, sem o risco do compromisso, de forma que se sente muito mais livre, mais audaz. Na internet, adentra-se o mundo interior do outro mais rápido também. E corta-se o laço muito rápido. É muito fácil desligar ou deletar o outro. Em relação à questão específica da traição, em geral ela é pensada como ato sexual, envolvendo contato corporal etc. De fato, pela internet, tudo fica mais complicado. Por exemplo, um casal que se conheceu pela internet e que começa a vida junto tem, como todos os casais, momentos em que as coisas não estão muito bem, com pequenos problemas, brigas. Em outra época, talvez eles esperassem essa fase passar. Hoje em dia, depois das brigas, as pessoas vão navegar na internet. Afinal, em suas cabeças, isso não é, de forma alguma, uma traição. Mas aí, quando as coisas não estão bem entre o casal, quando eles não estão contentes, se dá um novo encontro. Depois, ele ou ela procura seu novo contato, envia uma mensagem, e rapidamente a coisa toma vulto. Logo vem uma mensagem com outras intenções, e um encontro é marcado. Minha resposta seria que sim, certamente pode-se começar uma traição na tela do computador. Estou dizendo algo bastante banal, simples. Se, durante uma refeição, por exemplo, um está estranho, distante, mas vai atender um colega de trabalho ao telefone e ri, vibra, fala com emoção, isso é uma pequena traição! Mas não podemos viver sem estas pequenas traições – é impossível! Portanto, todos os casais, todos os dias, praticam pequenas traições. Cabe a cada casal saber qual é o limite. Tradicionalmente, o limite era claro. Era a relação sexual. Mas a internet complica as coisas, porque a fronteira de corte é mais fluida. Rapidamente,

on-line, um dos dois pode se tornar confidente íntimo de outra pessoa, e, de repente, ele/ela tem mais fidelidade e intimidade com a pessoa que está no computador do que com a pessoa a seu lado. Por tudo isso é que, a meu ver, a traição é uma questão de grau. Não se pode dizer que todo contato pela internet seja uma traição. Isto depende: se é um momento apenas, se é um mero passeio pelo mundo virtual, não é uma traição. Mas se há um encontro em um café, se a traição se materializa, aí é outro problema.

Você falou uma coisa que também encontro nas minhas pesquisas. No Brasil, onde o corpo, o sexo, é muito importante, algumas mulheres casadas há muitos anos não se sentem mais desejadas pelo marido, e dizem que os homens não entendem o que é intimidade, que eles acham que intimidade é sexo. Eles pensam que, se fazem sexo, são íntimos. Para as mulheres que entrevistei, intimidade não é apenas sexo, mas um tipo de conversa, de comunicação, de escuta que elas dizem que os homens não conseguem ter. Então, elas encontram na internet – às vezes com um americano, um francês, um alemão – esse tipo de intimidade. Na internet, a relação só é possível se houver essa profunda comunicação. Para essas mulheres, isso é uma traição, porque elas têm com o amante virtual a intimidade que desejam mas não conseguem ter com o marido. Por que esse tipo de intimidade ocorre na internet e não no cotidiano desse casal que vive junto?

Sim, é parecido na França. Na Itália também. A principal razão para o divórcio, segundo um estudo feito na Itália com 500, 600 casais, é a impressão de não mais existir como pessoa, de não se sentir reconhecido no olhar do outro. E de não ter esta comunicação íntima, pessoal, que permite se reconhecer e se construir como pessoa. Então, de fato, a internet se torna cada vez mais uma alternativa, porque, como o outro é um pouco anônimo, está longe, é muito fácil entrar nessa comunicação íntima. Portanto, às vezes, a questão não é apenas um diálogo amoroso; é também entrar no mundo do outro. Tomemos, por exemplo, alguém que tem um blog, que expõe sua vida. Muitas pessoas escrevem em resposta e contam suas experiências. Cada um entra bastante na vida do outro. É um paradoxo, porque é mais fácil isso acontecer na internet. E é por isso que os mais velhos distinguem entre a verdadeira vida, no mundo real, e a internet, apenas virtual, não verdadeira. Mas não é tudo fácil na internet, simples, e não é apenas virtual. É um outro tipo de

laço: um laço muito intenso, mas diferente. As pessoas se liberam e contam muitas coisas, porque podem desligar, terminar a relação quando quiserem. E, muito frequentemente, sem explicação. Sem desculpas, sem sequer um telefonema, tudo está terminado, tão simplesmente. É muito difícil para a pessoa que está do outro lado, muito duro. Como se pode romper dessa maneira, as pessoas passam em pouco tempo à descoberta do mundo íntimo. Por vezes, é uma troca, um flerte on-line que rapidamente se torna sexual. E aí, tradicionalmente, os homens são mais atraídos pela sexualidade. Eles têm mais facilidade de separar sentimento e sexualidade, de forma que vão buscar a sexualidade pela sexualidade. Mas, na França, há um número bastante grande de mulheres que tenta fazer a mesma coisa em determinado momento da vida, como que para afirmar o direito ao prazer pelo prazer também para as mulheres.

Há diferenças de gênero também nesse mundo virtual? Há alguma particularidade dos franceses nesse campo? Seria interessante comparar com a forma como os brasileiros usam a internet. Há estudos comparativos entre França e Brasil que consideram a cultura brasileira mais do toque, da visão; e a francesa, mais da conversa. O Brasil é um país do corpo. Então, o mundo virtual é um impedimento para o contato físico...

De fato, na França há uma tradição da palavra muito presente. E, na internet, o primeiro passo é a palavra escrita – e, depois, o telefone. Mas não é exatamente assim. Há esta queixa sobre a internet: diz-se que tudo se tornou fácil demais. Às vezes, há artistas da sedução, que amam a poesia, o humor, que seduzem pela palavra. Mas, às vezes, é mais simples que isso. Há a descoberta do outro, uma troca, e, então, na incerteza, a frase mágica é lançada na direção do outro. Assim, passa-se do primeiro episódio, on-line, à cena do café, frente a frente, para se descobrir o que vem em seguida. É uma cena em vias de se ritualizar de maneira muito espantosa. Não sei se esse modo é francês, porque ele sempre existiu; as pessoas sempre se encontraram em torno do verbo. Na verdade, há muita angústia. As pessoas não sabem se vão decidir continuar; não sabem se vão passar a outra coisa qualquer, ou se vão se separar. E não sabem, sobretudo, se vivem uma história de amor ou de sexo. É muita incerteza. E, às vezes, se está de um lado, às vezes, de outro. Por exemplo, a mulher está quase sempre buscando amor, e imagina que o homem só quer sexo. A internet, de certa forma,

fez com que os homens ampliassem seu terreno de caça. E a novidade é que, ao mesmo tempo, na internet há mulheres que jogam o mesmo jogo, que procuram o prazer pelo prazer. Elas se tornam as novas heroínas do espaço virtual. As outras mulheres são estigmatizadas, colocadas de lado, e escutam dos homens: “As mulheres estão liberadas. Vocês não podem mais ficar esperando para se liberar, para liberar seu corpo. Isso não existe mais. Agora a regra do jogo é outra. Nossa referência agora são as novas mulheres.” E essas mulheres, como querem os homens apenas por uma noite, querem um certo tipo de homem. Não querem um homem gentil, compreensível, que as escute, mas, por uma noite apenas, uma noite de sexo. O que elas querem na verdade é um *bad boy*. Depois, elas dizem que não era isso que queriam, porque esses homens têm atitudes desprezíveis, tratam as mulheres como objetos, com egoísmo e cinismo. Algumas mulheres tentam agir da mesma maneira: dizem que é preciso usar os homens como brinquedos sexuais. Mas, com o tempo, isso gera insatisfação, e em geral elas acabam se desmentindo: “Não é isso que queremos!” Isso tudo ilustra que o espaço de *sexolazer* não é simples. Vejamos, por exemplo, o caso de Marion: ela usa a internet como uma utopia libertina a que chama de PCRA, Plan Cul Regulier Affectif. Nela, é necessário que todos estejam em uma rede, de amigos, de amantes. Por meio da rede, ela pode dizer, por exemplo, que precisa apenas de um carinho. Se outra pessoa está no mesmo clima, diz que quer o mesmo. Mas há uma condição: isso deve ser feito com muita emoção, sentimento, atenção ao outro, mas sem compromisso. E isso é difícil. Depois de uma semana ou 15 dias, muitas pessoas nessa situação acabando formando casais. O espaço do *sexolazer* tem um limite. Quando temos afeição, ternura, arriscamo-nos a inserir o sentimento, que pode gerar experiências conjugais. E quando é apenas sexo pelo sexo, há o risco de que não seja agradável, e de que o outro seja instrumentalizado estritamente como objeto de prazer. Na verdade, há de tudo no mundo emoldurado pela tela do computador.

Você disse que é fácil encontrar alguém no mundo da internet, mas que também é fácil deletar, apagar alguém da sua vida, muitas vezes, sem o outro nem saber o que aconteceu. Como esse mecanismo que a internet está propiciando vai influenciar ou já está influenciando as relações no mundo real? Antes da internet, havia uma dificuldade ou até mesmo um sofrimento tanto para achar o parceiro ideal quanto para se separar dele. Agora há essa facilidade de encontrar e de descartar. Basta um toque...

Hoje em dia se banaliza cada vez mais o encontro. Não somente nos sites de encontros. Há duas coisas muito diferentes: os sites de encontros – são muitos na Europa –, que funcionam como as agências matrimoniais de outros tempos, e que em geral são usados por homens e mulheres na faixa de 30 a 50 anos que buscam um encontro sério, um parceiro para a vida; e há todos os outros espaços na internet – o chat, o blog, o Facebook, o Orkut, o MSN – em que se pode entrar em contato com alguém e descobrir seu universo, trocar, e, de repente, marcar um encontro em um café para ver se algo mais vai acontecer ou não. Isso se torna cada vez mais normal. Por acontecer mais e mais dessa maneira, esse primeiro momento de um relacionamento tem sido muito mais fácil, notadamente para os tímidos, os isolados etc. Parece ser mais fácil travar o primeiro contato. Na verdade, nem tudo é tão fácil. Algumas vezes, é até bem duro, mesmo na internet. Embora, como eu disse, seja confortável poder se desligar sem dizer nada, para aquele que está do outro lado a situação é extremamente difícil. Outro exemplo: o momento do encontro. Há os que não vão ao encontro. E há os que vão ao encontro, esperam uma hora, e ficam sem explicação para o fato de terem sido rejeitados. É algo violento. Na internet, é possível deletar o outro muito rapidamente. Há o primeiro contato on-line, muito fácil, muito rápido, e isso pode ir bem longe, com intimidade, conversas, descobertas, sexo etc. E, depois, marca-se o encontro no café. E aí os dois lados se dão conta de que foram longe demais. Eles não estão muito seguros, ao se verem pessoalmente, de que realmente queriam aquilo, que querem um compromisso ou mesmo algo na esfera sexual. Assim, um grande passo atrás deve ser dado. Eles recomeçam, de certo modo, uma outra história, mais controlada, sóbria. Falam de coisas diferentes das que falavam. Algumas pessoas chegam a confessar que mentiram, que não são a mesma pessoa, que postaram uma foto antiga, esconderam a idade etc. Na maior parte das vezes, são pequenas mentiras, mas há essa sensação de que a pessoa é outra. É que o contexto constrói a pessoa. O contexto diferente constrói um tipo diferente de relação. Resultado: não é mais a mesma pessoa. Existe um dito muito comum na internet: o que conta é a beleza interior. Quer dizer, podemos nos libertar da tirania da imagem e descobrir o universo interior do outro. Mas no momento em que chegamos ao café, no face a face, naquele segundo, ocorre uma atração ou uma rejeição. Tudo é reconstruído. A beleza interior é esquecida

e de novo o que vale é o rosto, é o corpo, o cheiro etc. É intrigante perceber os próprios internautas separarem o virtual e a vida verdadeira. Isso é problemático, porque o mundo da internet não é falso, não é virtual. E, mais que isso, descobrir o universo do outro na internet, libertando-se um pouco da imagem, é tão interessante, tão intenso, quanto o medo de que ele vá rejeitá-lo.

Você tocou em um ponto importante. Se a internet libera a imagem, então posso ser uma mulher gorda, feia, velha, entrar na internet me descrevendo como uma mulher magra, bonita e jovem, e ter muitos namorados, desde que eu fique só na internet. Por outro lado, sou obrigada a ser uma mulher magra, bonita e jovem. Ao mesmo tempo em que a internet me libera para ser outra pessoa, sou obrigada a ser outra pessoa. É um paradoxo, porque sou livre para construir minha imagem, mas sou obrigada a construir uma imagem que é valorizada no mundo real. A internet, afinal, liberta ou aprisiona?

A internet é um novo mundo, um mundo sem território, com regras de jogo mais fluidas. Ela abre espaços de liberdade, mas é uma liberdade potencial, teórica, limitada. Às vezes, realmente é utilizada para destruir a influência da tradição, principalmente para as mulheres. Para ilustrar isso, uso um trabalho de uma antropóloga da Jordânia. Ela descobriu que, em Irbid, há 120 pontos de internet para estudantes espalhados pela cidade. Em alguns deles, meninos e meninas podem ir juntos, e trocam, on-line, conteúdos não autorizados pela moral dominante. Ao mesmo tempo, trocam também olhares, de forma que aquele se torna um espaço de liberdade, um local que diz às mulheres: “Vocês têm o direito ao prazer-pelo-prazer se vocês desejarem. Vão!”. Mas, quando elas vão, descobrem que tudo é muito complicado. Enquanto elas são livres na internet, tudo vai muito bem. Para os homens, elas são as novas heroínas. Mas, no dia que quiserem formar um casal, se engajar em um relacionamento durável, suas histórias virtuais vão terminar por estigmatizá-las. Deixam-se muitos vestígios na internet. Estamos menos anônimos do que pensamos. As pessoas geralmente sabem quem está por trás de um pseudônimo e o acompanham. Assim, a liberdade não é tão grande quanto se proclama. É uma liberdade relativa. Em relação à imagem e ao código da beleza, por exemplo, há momentos de liberdade. Como “é a beleza interior que conta”, em certos momentos as pessoas visitam o mundo do outro sem pedir fotografia. Mas depois, em algum momento, vão pedir. E aí

é bastante estranho, porque a foto surpreende. Ela é introduzida em um universo já construído. Quando o encontro é ao vivo, isso não é possível. A internet não apaga o código de beleza e o julgamento em relação a ele. Simplesmente, há pessoas que gostam de se construir de outra maneira, se divertem sendo outra pessoa. Uma mulher de 60 anos pode se divertir experimentando ser uma de 20. Um exemplo com homens: em um site francês, *adopteunmec.com* [*algo como adoteumrapaz.com*], as mulheres podem clicar em uma das belas fotos masculinas ali cadastradas e colocar o homem que desejam em um carrinho de supermercado. Algumas fotos ficam lá meses sem que ninguém as escolha. Até que seu dono muda a foto para uma de um super-homem musculoso e, aí, sim, é selecionado. Mas ele faz isso só para se divertir. Não pode ir ao encontro porque a realidade não corresponde à foto. É um pouco de jogo: homens que querem ver o que é ser uma mulher e mulheres que querem ver o que é ser um homem. Esse é um outro aspecto da internet ainda: o jogo com a identidade, a possibilidade de se inventar com aqueles avatares e tudo o mais. E isso não é 100% virtual, porque essas identidades inventadas são uma forma de sentir como seria se a pessoa realmente fosse daquela maneira. Evidentemente, uma mulher de 60 anos não pode voltar a ter 20. Mas, pode testar um pouquinho na internet como seria se tivesse.

Por que a infidelidade é um problema? Se as relações mudaram tanto, se elas são tão mais abertas, mais fáceis, por que a traição continua sendo um problema? Ou é um novo tipo de problema?

Essa é uma questão difícil de ser respondida. Estamos em uma sociedade de sedução generalizada. Todo mundo avalia todo mundo. Mesmo indo ao açougue ou à padaria, é preciso se apresentar bem. Além disso, em nosso tempo livre também desenvolvemos, dramatizamos a sexualidade como uma técnica de prazer. E sabemos que um compromisso conjugal durável, depois de algum tempo, é um pouco fatigante. A rotina se instala não apenas na vida familiar cotidiana, mas também na vida sexual. Quando fizemos pesquisa de opinião, descobrimos que o valor da fidelidade é enorme. Noventa e cinco por cento das pessoas disseram que ela é extremamente importante nas relações, uma espécie de valor sagrado. E, de fato, há uma explicação para isso. Esse é o tema de um dos meus livros, sobre a história do sentimento amoroso. Dizemos amor como se fosse uma coisa só, mas na verdade o amor tem uma variedade de formas,

inclusive com aspectos políticos, em sua evolução histórica nas diferentes sociedades. O mundo romântico era um mundo em agonia. Absolutamente não é assim hoje. O mundo fundado sobre o amor é o do compromisso conjugal, que necessita de exclusividade e é baseado em uma espécie de contrato de confiança e de reconhecimento mútuo. O cônjuge tem sempre razão, mais que todas as outras pessoas. No estudo que fiz sobre a refeição, por exemplo, um tema de conversa entre os casais que apareceu muito recorrentemente foram as dificuldades no trabalho: o sofrimento com o chefe ou um colega etc. Quando falam sobre esse assunto, o que acontece quase sempre à noite, um dos cônjuges escuta a narrativa do outro e diz: “Você tem razão”, “Ele fez isso?”, “Mas não é possível!”. Assim, ele restaura a autoestima do outro. Nossa sociedade agride a autoestima, e o papel do cônjuge, regular e sistemático, é reconstituí-la. É um papel terapêutico. Mas necessita de exclusividade. Temos identidades múltiplas, somos cheios de identidades. Somos vários, ao mesmo tempo. Mesmo na família, somos filho, pai e cônjuge. Se pequenos conflitos acontecem dentro e/ou entre famílias, é preciso que a narrativa conjugal prepondere. E é isso que explica a necessidade de o casal se fundar sobre o exclusivo, ou seja, sobre a fidelidade, esse espaço de consolação e apoio. Ela é um muro de proteção contra a dureza do mundo. Hoje, vemos se desenvolverem duas coisas contrárias: de um lado, a tendência ao *sexolazer*, essa espécie de nova utopia um pouco libertina dos dias atuais da possibilidade de encontrar parceiros segundo os desejos de um e de outro traduzida em consentimento; de outro, a necessidade e o sonho do amor, de um compromisso durável com alguém. Os dois lados são contraditórios e se desenvolvem simultaneamente. Assim, os casais tendem a durar menos tempo juntos, o número de separações aumenta, mas o valor da fidelidade permanece.

Várias pesquisas feitas sobre casamento no Brasil mostram que, há dez anos, os principais valores eram o amor, o respeito, a honestidade e, depois, a fidelidade. Hoje, a fidelidade vem em primeiro lugar, e depois o amor. O sexo vem muito depois. Mas tenho encontrado um dado interessante: os indivíduos querem acreditar na fidelidade; não importa se o parceiro é efetivamente fiel ou não. Então, o valor – é o que discuto no meu livro *Por que homens e mulheres traem?* – é a crença na fidelidade e não a fidelidade em si...

Talvez haja uma pequena diferença na França. As revistas femininas defendem notoriamente o modelo da conversa e da transparência. É muito presente a ideia de que tudo deve ser discutido, de que é preciso tudo saber e tudo dizer. Mas, na verdade, isso não é possível. Percebi isso quando fiz uma pesquisa sobre as situações que provocavam irritação entre casais. Existe na França essa espécie de modelo de perfeição, de expectativa de sinceridade absoluta. Mas ele não é viável, porque as traições são cometidas o tempo todo, todos os dias, em todos os casais. Elas estão presentes nas pequenas coisas, no plano dos microgestos, de microsituações íntimas, sensuais. São os olhares e pensamentos da nossa vida cotidiana. Além do mais, estamos numa sociedade em que se deve seduzir. E somos seduzidos o tempo todo, por produtos e pessoas. É em um universo de sedução permanente, de forma que é impossível tudo confessar. Sequer tomamos consciência de muitas dessas pequenas traições. Ainda assim, na França, a religião da transparência e da sinceridade tem grande importância.

Então na França seria impossível pensar que a crença na fidelidade é mais importante do que a fidelidade em si porque lá a fidelidade efetiva é o mais importante?

O importante lá é essa ideia de que tudo deve ser dito. Ela foi propagada, eu diria, pela mídia. Antigamente não se falava muito, não se falava de insatisfações. Foi preciso educar os casais a se comunicarem mais, a expressarem mais ao companheiro o que se fez, as pequenas coisas que não estão bem. Mas isso foi longe demais e se tornou um modelo de transparência absoluta, em que não se deve esconder nada e, principalmente, é necessário contar cada mínima microtraição amorosa.

Você fala mais de sedução que de sexo. O sexo é um valor efetivamente importante nos relacionamentos ou será que ele está mais no campo do discurso, como no Brasil? A sociedade brasileira fala muito de sexo, mas, nas pesquisas, percebemos que a vida sexual brasileira é pobre. Principalmente a das mulheres: muitas nunca tiveram um orgasmo e não gostam de sexo. Apesar disso, elas seduzem o tempo todo. É um corpo voltado para a sedução, não para o sexo.

Na França a defasagem é a mesma. O discurso sobre a sexualidade prepondera, sobretudo graças à mídia. E a rotina sexual acaba se instalando como a realidade dos casais legítimos. Mas essa defasagem entre o discurso e a realidade está em vias de mudar. Cada vez mais, os casais falam da sexualidade entre eles e sobre

o que fazer para melhorar. Na verdade, às vezes é mais fácil melhorar a sexualidade do que a comunicação conjugal. A grande diferença dos últimos anos é a reivindicação, sustentada vigorosamente pela imprensa feminista, das mulheres pelo direito ao prazer pelo prazer, sem engajamento sentimental e conjugal. O discurso ainda é mais forte, mas ele faz a realidade se modificar e provoca mudanças no comportamento. Tenho uma pesquisa sobre praia, sobre os olhares lançados por homens sobre os corpos das mulheres. As mulheres utilizam seus corpos para atrair com sua beleza o interesse deles, aguçar seu desejo, o que lhes permite construir sua autoestima. Assim, efetivamente, o importante para elas é atrair o desejo, o olhar do homem, por meio da sedução e da beleza, para se sentirem vivas.

Para onde estão caminhando as relações amorosas e sexuais na França? As pessoas vão continuar se casando? As pessoas vão ser realmente mais livres? As mulheres vão viver o sexo sem compromisso? Você imagina que esse cenário, que já está se realizando, vai se aprofundar?

Escrevi um livro sobre a mulher solteira, coletando dados em vários países. E pude ver que, no mundo todo, embora de formas muito diferentes de acordo com a cultura, o número de solteiros aumenta regularmente a cada ano, há 40 anos. É uma regularidade que coloca em questão o casal como modelo. Ele não é mais a referência. Mantém-se porque há o desejo do filho. É mais cômodo ter filhos como casal, como família. Mas o eixo é cada vez mais a pessoa em si mesma, o autônomo que luta individualmente por seu bem-estar, sua felicidade, seu prazer. Assim, o espaço do *sexolazer* se desenvolveu. E como disse, ele não é simples, mas contraditório; depara-se com seus próprios limites. Porque, ao mesmo tempo, há um forte desejo de amor, de compromisso, que necessita da fidelidade e que é em geral ligado à vida em família, com filhos etc. Portanto, temos os dois modelos no horizonte. O tempo em casal, em família, é menor, mais apertado, porque o que predomina é a liberdade do indivíduo. Mas o sonho do compromisso é muito forte também. Muitas vezes são momentos diferentes da vida. Depois da ruptura de uma longa história familiar, por exemplo, o indivíduo tem vontade de encontrar pessoas, ter prazer, fazer sexo etc. Entretanto, embora sejam dois processos contraditórios, mas os dois existem ao mesmo tempo no mundo de hoje.

Referências e sugestões de leitura

GOLDENBERG, Mirian. (2010), Por que homens e mulheres traem? Rio de Janeiro, Bestbolso.

KAUFMANN, Jean-Claude. (1992), Labirinto conjugal. Lisboa, Editorial Notícias.

_____. (1992), La trame conjugale: Analyse du couple par son linge. Paris, Nathan.

_____. (1993), Sociologie du couple. Paris, Presse Université de France.

_____. (1998), Corps de femmes, regards d'hommes: Sociologie des seins nus. Paris, Pocket.

_____. (2000), A mulher só e o príncipe encantado. Lisboa, Editorial Notícias.

_____. (2003), A primeira manhã: Como nasce uma história de amor. Lisboa, Editorial Notícias.

_____. (2003), Ego: Para uma sociologia do indivíduo. Lisboa, Editorial Notícias.

_____. (2005), Casseroles, amour et crises: Ce que cuisiner veut dire. Paris, Armand Colin.

_____. (2006), A invenção de si: Uma teoria da identidade. Lisboa, Instituto Piaget.

_____. (2007), Agacements: Les petites guerres du couple. Paris, Armand Colin.

_____. (2008), Quand Je est un autre: Pourquoi et comment ça change en nous. Paris, Armand Colin.

_____. (2009), L'étrange histoire de l'amour heureux. Paris, Armand Colin.

_____. (2010), Sex@mour. Paris, Armand Colin.